Marcescível

Daniel Glaydson Ribeiro

Ilustrações de

Sanzio Marden

Marcescível

Daniel Glaydson Ribeiro

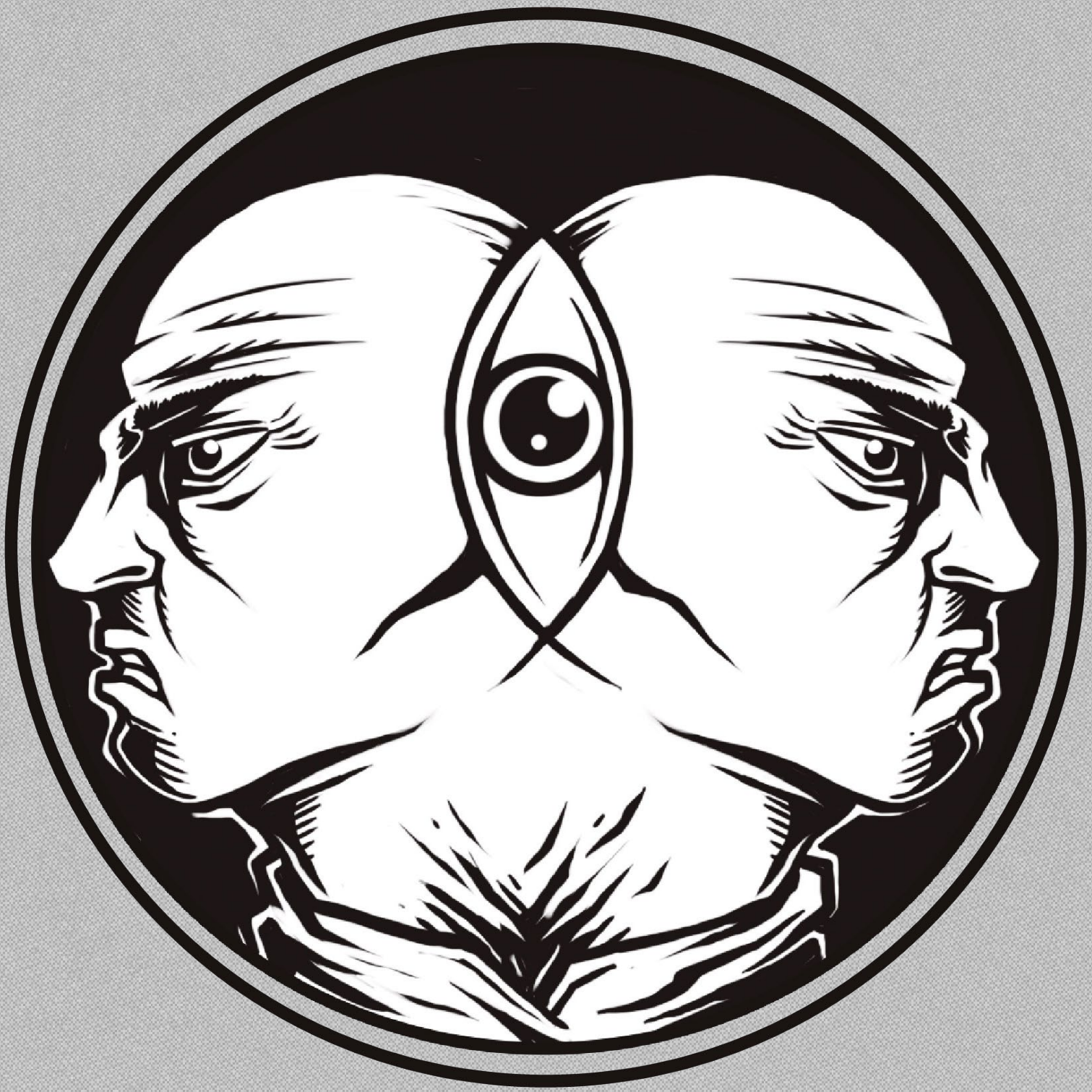
— Dai-me, como vós tendes, o poder de crear corpos para as minhas almas —
diz Ismael Nery

De aridez completa aprisionados
entre gente ávida grávida d'água
a garupa da vaca estende-se ao rés
da terra varada em seus opostos

o ônibus passa com ares condicionados
dentro narradores incomodam o silêncio
dos homensfonesdeouvido surdos como se
houvesse cera e sereias
o velho mundo compra praias para re-
juvenescer
sua moeda falida é a mais cotada
constroem mausoléus para castellos brancos
constroem-se arenas castelões
shoppingcenterizam o theatro de alencar
shoppingcenterizam (refrão)

síndrome do colapso da colônia
falta o inseto nos lábios

toda-via nos quintais
o sumo da seiva excessiva feito sol
ainda frutifica
mata branca pelo chão marrom
os espinhos chumbo
o céu vermelho
a sêca também é retirante.



*
* *

entre terra[poética] e terra[teórica]
estàrea de sonoturbulência

estrada de violenta rodagem
cães atropelados sem cerimônia
das minas gerais para baixo
não cabem cruzes nas margens
às margens

— as montanhas são nuvens estáticas,
que o eterno medo[1] dos homens transforma em granito, tu dizes

— tudo é pavorosamente *habitus* habitado

— mortal antes de tudo é a memória

— este astro sem fé / é verde besoiro / volteando um can- / deeiro esquisito

— este astro com fé / baila em círculo / dantesco louco / vigiado livresco

— de qualquer forma / tou tentando retomar / se não der certo / eu aviso (refrão)

o estrangeiro submetido ao coquetel das substâncias desestruturantes
ali conhecidas e batizadas: os sobreviventes não serão deportados.

quem procura uma palavra
olhar suspenso, olhar-cacto;
marcescência

---

1 o medo é uma larva coletiva

*
* *

chuvas extremas buscar mata atlântica rio incômodo
trovões ininterrutos clamejar rio químico
matàtlântica rio sódico
e já só há asfalto intestino grosso
arranhões de vidro rio que não ri
rastos de autos desprovidos rio não rio
de tecnologia anfíbia e homens rio não
demarcando território impermeável mais espêsso
jovem abraça rockpopstar + espêsso
como nunca nada abraçara q o rio do poeta

onde o tempo
cada habitante onde o tempo
é toda uma espécie já não flui,
em extinção esbarra
na luta insana por a lucidez
munição comum a comunicação
que nada tem a ver com voz e escuta
atroz disputa (refrão)

no enxame há zumbidos que me tocam.
tenho medo de molhar-me nesta chuva, mas corro, ido,
rochas gotejam.

a metrópole faz com o homem
o q um semeador usurário, com a terra.

*

* *

seres de couraças,
quantos gestos salvíficos não saberemos praticar?
a ponto de processar-mo-nos,
como s'equilibrar, ínfimos, na circunferência?

esquecemos o lidar com a força migratória
(terra aloprada por agrotóxicos defensivos)
mas andamos cotidianamente sobre oceanos de gelo
(geo$^{\text{grafia}}_{\text{metria}}$ do uso cíclico abandono
de ruínas invisíveis
que se comem)
preparar barracas, mantimentos
(já estão dobrados)
recalcar a civilização, primitivo pesadelo
(hacia, nach unaussprechlichen)
nomândar para qual-quer vivível

um poema pálido
como o pulso do mundo
à espreita

tô sem lugar
de fala
para explodir (refrão?)

no cinza, somente
estrelas resilientes

esta mão deformada
tem seu próprio abismo
e cordilheira

mutilados pela raiz
afincamo-nos ao solo
compartimentados

são quinze andares de papéis com nomes
e fotos e dados e números dos desaparecidos

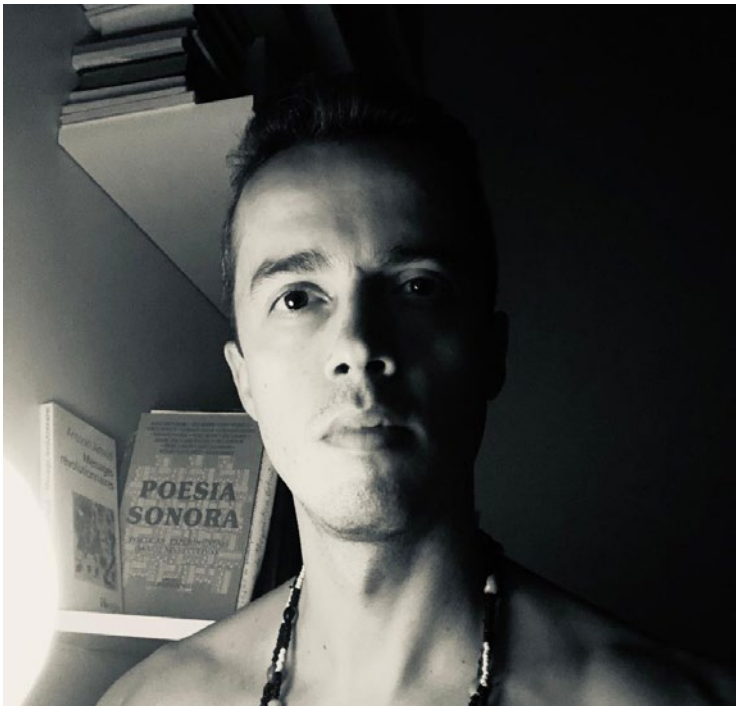
acessar sistema de registro de frequência para bater o ponto
ao chegar ao sair para cagar para almoçar ao voltar ao morrer

e no entanto mais que as formigas
mais ao sul que ao norte laboramos

ordena-se catalogação digitalização disponibilização
higienização armazenamento redistribuição rearquivamento

só a cigarra responde:
soispedaçosdumengrenagendisfuncional
soispedaçosdisfuncionaisdumengrenagemperfeita

isto não é um código de barras isto nem é um código de barras
isto não é um código de barras isto nem é um código de barras
isto não é um código de barras isto nem é um código de barras
isto não é um código de barras isto é nanquesta em 2014-2020

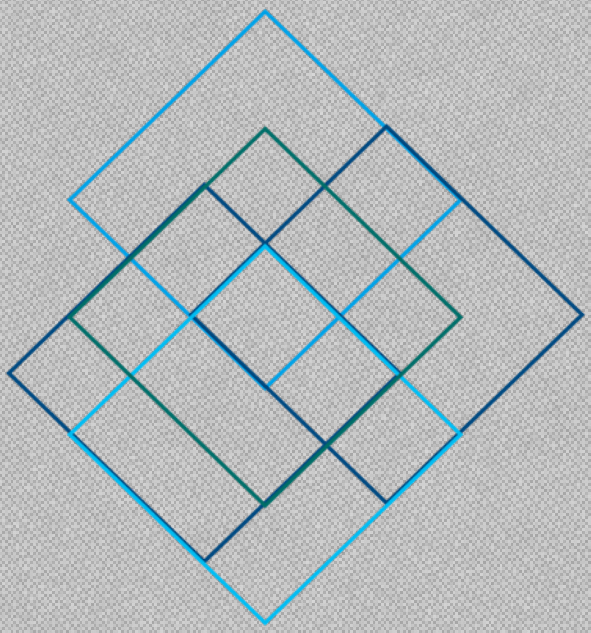


Daniel Glaydson Ribeiro nasceu em Picos (1985). Pai de Anita, Tarsila e Bento. Professor do Instituto Federal do Piauí. Experimenta e medita os Círculos de Envolvimento, colocando em práxis no ensino de língua e literatura uma proposta democrática, em que tod@s se expressem ética e esteticamente. Dentre as publicações recentes, estão: "Corpo consciente e os círculos de envolvimento (ciber) cultural" no livro 50 olhares sobre os 50 anos da Pedagogia do Oprimido (2019); o poema "Põlinud-iná" na revista Desenredos (2020); e traduções de Paul Valéry na revista Em Tese (UFMG), juntamente com Fábio Roberto Lucas. Pesquisou a obra de Jorge de Lima no doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), mergulhando no acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Carnifágia malvarosa: as violações na Suma Poética de Jorge de Lima, indicada ao Prêmio Capes de Tese, traz à luz material do processo genético da neobarroca Invenção de Orfeu. Hoje, coordena o projeto de extensão "Linguagem e poesia #dendicasa", cuja produção pode ser encontrada em youtube.com/Linguagemepoesiadendicasa

Curadoria
Argentina Castro
Taciana Oliveira

Diagramação
Rebeca Gadelha

Ilustrações
Sanzio Marden



MIRADA